

CURITIBA: O HOMEM COMO MEDIDA



Sérgio Póvoa: Curitiba tomou caminho oposto ao da maioria das cidades brasileiras

Curitiba se transformou em uma referência essencial quando se fala em qualidade de vida nas cidades. O arquiteto Sérgio Póvoa trabalhou durante muitos anos no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. No momento, é assessor especial da Companhia de Desenvolvimento de Curitiba. Nesta entrevista, ele mostra por que Curitiba se tornou viável em meio ao caos urbano brasileiro.

O que foi determinante para que Curitiba se tornasse referência quando se fala em qualidade de vida nas cidades brasileiras?

Sérgio Póvoa — O essencial é que Curitiba tomou um caminho oposto ao da maioria de outras cidades. Ela tomou o homem como a medida de todas as coisas na cidade. Os arquitetos e as pessoas que cuidam do planejamento urbano optaram por um caminho que vai na contramão do automóvel, da industrialização a qualquer preço, das obras monumentais. Os modelos da época eram o privilégio ao carro em Brasília ou o minhocão em São Paulo. Não se planeja uma cidade da noite para o dia. Este trabalho teve início nos anos 60.

E o que deflagrou este princípio de planejar a cidade em Curitiba?

Tudo começou com a ação de um grupo de arquitetos contra a intenção da prefeitura de construir um grande viaduto para fazer a ligação aérea entre duas praças. Era uma barbaridade. Isto provocou uma grande discussão, que envolveu toda a cidade. Este debate permitiu a criação do Ipuc - Instituto de Planejamento Urbano de Curitiba. A grande vantagem é que sempre tivemos administradores acima da média, independentemente dos partidos políticos. Só é possível pensar o planejamento urbano com uma perspectiva que ultrapasse os interesses circunstanciais da política.

O que significa, em termos de planejamento urbano, tomar o homem como medida de todas as coisas na cidade?

Significa priorizar o transporte coletivo, fechar ruas nas áreas centrais para permitir a circulação dos pedestres, fechar ruas para que as pessoas possam se divertir e se encon-

trarem. Significa voltar os projetos para o homem e não para a máquina.

Mas, privilegiar a máquina em detrimento do homem não é a própria lei das cidades?

Quando nós fechamos as ruas centrais para os carros com a finalidade de permitir a circulação dos pedestres foi uma loucura. Os comerciantes fizeram o maior barulho. Mas, quando uma idéia é séria e está calcada em um interesse coletivo, não tem como dar errado. Aos poucos, a cidade foi assimilando estas propostas. Nós conseguimos racionalizar o sistema de transportes urbanos. Quem mandava no sistema de transportes eram os empresários.

E qual o papel que a população teve na transformação de Curitiba?

Ninguém promulga isto por decreto. Esta transformação só se tornou possível em razão do nível de formação cultural da população de Curitiba. A nossa cidade é constituída por uma mistura de migrantes italianos, alemães, ucranianos. Isto contribuiu para que houvesse uma população mais exigente.

Como se dá a cobrança da população para com as pessoas que detêm o poder de decisão? Quais são os canais para participar, de fato, das decisões?

Esta participação se dá junto à câmara de vereadores. Basicamente, a pressão é exercida através de associações. As associações conseguiram coisas extraordinárias. Hoje a prefeitura não fecha mais uma rua ao seu bel-prazer. Se ela quiser fechar uma rua, tem de conversar com as pessoas que transitam por ali. Você não pode jogar um papel pela janela do carro, pois corre o risco de levar um esporro. A população zela pela cidade. Os atos de vandalismo diminuíram muito. Estamos longe do ideal, mas avançamos em muitos aspectos em relação a outras cidades brasileiras. Curitiba tem todos os problemas das cidades brasileiras. A única diferença

é que recorremos a soluções criativas e simples.

Qual é o papel do planejamento na transformação das cidades?

O planejamento tem a função de dar às pessoas uma noção temporal das coisas. O grande problema ambiental de hoje é que tiramos mais do que a terra podia dar. Meu avô sempre me dizia que a gente não planta semente para colher os seus frutos. É preciso sensibilizar as pessoas para o que vem depois. O planejamento é apenas um instrumento.

Mais essencial é a determinação política de promover o bem estar do homem. O mais difícil é colocar na cabeça das pessoas que elas têm direitos e deveres. Em Curitiba as pessoas tiveram a chance de acreditar nos governantes.

Como fazer com que a cidade seja efetivamente espaço da cidadania?

Os gregos preferiam as cidades sem muralhas porque elas fortaleciam o caráter dos cidadãos. O que a gente está defendendo é a cidade sem muralhas. Queremos estimular dentro de cada pessoa uma postura mais solidária. Só resolveremos os problemas individuais se resolvemos os problemas

coletivos. Quando eu era responsável pela administração do centro da cidade houve uma grande polêmica entre os que queriam o fechamento das ruas e os que não queriam. Os comerciantes reclamavam. Nunca recusamos o diálogo. Conversar e convencer é um processo demorado, mas fica mais fundo.

Como imagina a experiência do Ipuc transferida para uma cidade com a escala do Rio de Janeiro ou São Paulo?

Acho que um dos grandes erros é tentar transferir a experiência da gente para outras cidades. O que você pode transferir são os princípios. Uma cidade como São Paulo não pode ser administrada de maneira tão centralizadora. O importante é o princípio de tomar o homem como medida de todas as coisas. É com ele que você cria as cidades do mais.

